

Um Olhar nas “Aldeias Indígenas”: Educação, Pandemia Covid-19, Tecnologias E Ensino Remoto

Gilca Maria Dias Rezende¹; Walteno Martins Parreira Júnior²

¹Pós-graduanda em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar, gilca.rezende@estudante.iftm.edu.br, Instituto Federal do Triângulo Mineiro Campus Uberlândia Centro.

²Mestre em Educação, Doutorando em Educação, Orcid: 0000-0002-5041-3781, waltenomartins@iftm.edu.br, Instituto Federal do Triângulo Mineiro Campus Uberlândia Centro, R. Blanche Galassi, 150 - Morada da Colina, Uberlândia – MG.

Resumo: Na data que se celebra o Dia Mundial da Educação, 28 de abril, os impactos da pandemia na educação são motivo de preocupação em todos os países. No Brasil, onde as desigualdades sociais se agravaram com a crise sanitária, as limitações impostas para o combate à covid-19 trouxeram novos desafios para toda comunidade indígena. A pandemia de covid-19 mudou drasticamente a vida nas aldeias indígenas. Esta pesquisa tem como objetivo socializar para comunidade acadêmica, as dificuldades vivenciadas na educação escolar indígena no contexto das mudanças das aulas presenciais para adoção de aulas remotas e verificar como as tecnologias estão sendo utilizadas por professores, alunos e pais em tempos de pandemia, nas aldeias indígenas. A fundamentação teórica baseia-se em dados da precariedade tecnológica nas aldeias, ensino remoto e pandemia. Os resultados sugerem que a produção de programas de TV e livretos em línguas indígenas falam de um esforço considerável para alcançar as comunidades indígenas em todo o país. No entanto, as medidas tomadas pelos governos nacional e estaduais podem ser consideradas ainda limitadas. Os problemas da educação são gerados por políticas que reduzem o financiamento e investimento. Entretanto a pandemia amplificou as deficiências que as aldeias-escolas possuem e isso deve ser visto como uma forma de somar esforços para melhoria nos desafios que as escolas indígenas têm enfrentado para realização de atividades síncronas e assíncronas que esbarravam em algumas questões como a falta de rede de telefonia na comunidade e, conseqüentemente, falta de estrutura de conexão; falta de aparelhos tecnológicos; e a necessidade de uso de tecnologias.

Palavras-chave: Educação; Ensino remoto; Escolas Indígenas; Tecnologias digitais; Pandemia covid-19.

Abstract: On the date that World Education Day is celebrated, April 28, the impacts of the pandemic on education are a cause for concern in all countries. In Brazil, where social inequalities have worsened with the health crisis, the limitations imposed to combat covid-19 have brought new challenges to the entire indigenous community. The covid-19 pandemic has drastically changed life in indigenous villages. This research aims to share with the academic community the difficulties experienced in indigenous school education in the context of changes from face-to-face classes to the adoption of remote classes and to verify how technologies are being used by teachers, students and parents in times of pandemic, in indigenous villages. This research aims

to share with the academic community the difficulties experienced in indigenous school education in the context of changes from face-to-face classes to the adoption of remote classes and to verify how technologies are being used by teachers, students and parents in times of pandemic, in indigenous villages. The theoretical foundation is based on data on technological precariousness in the villages, remote teaching and the pandemic. The results suggest that the production of TV programs and booklets in indigenous languages speaks to a considerable effort to reach indigenous communities across the country. However, the measures taken by national and state governments can still be considered limited. Education problems are generated by policies that reduce funding and investment. However, the pandemic has amplified the deficiencies that school villages have and this should be seen as a way of joining efforts to improve the challenges that indigenous schools have faced in carrying out synchronous and asynchronous activities that collided with some issues such as the lack of a network of telephony in the community and, consequently, lack of connection structure; lack of technological devices; and the need to use technologies.

Keywords: Education; Remote Teaching; Indigenous Schools; Digital Technologies; Pandemic covid-19.

1. Introdução

Pontua-se que algumas comunidades indígenas vivenciam a tentativa de continuar o processo de escolarização através de roteiros de estudos conforme a realidade dos alunos. No entanto a falta de aparelhos tecnológicos, acesso às redes de conexão, professores despreparados tecnologicamente, prorroga em muito a inclusão do ensino remoto.

Para compreender a situação estudada, busquei apoio nos seguintes campos teóricos: Estudos Culturais, Matérias Jornalísticas On-line, e também na plataforma Google, por meio de 04 descritores: educação escolar nas aldeias indígenas, indígenas e pandemia, tecnologia e covid-19, comunidade indígena e ensino remoto. Foram pesquisadas 27 matérias. A abordagem de coleta de dados para apoiar os resultados também consistiu na revisão dos sites oficiais da UNESCO, do Ministério da Educação e de alguns estados com maior número de povos indígenas nas aldeias.

O Ministério da Educação (MEC) afirma que contratou 400 mil chips de internet banda larga para estudantes em situação de vulnerabilidade, entre eles os indígenas. “Os chips oferecem internet 4G pré-paga; as universidades e institutos federais informam quantos chips precisam e distribuem aos estudantes”, (LE MOS, 2020).

Mas a medida do MEC é criticada por ativistas das causas indígenas. Isso porque apontam que muitos universitários não conseguiram ter acesso a um chip, pois

o procedimento para obter o item foi feito de modo virtual. Outra dificuldade relacionada a essa ação, segundo especialistas, é que muitas aldeias estão em áreas sem nenhum tipo de sinal de internet e os estudantes teriam de se deslocar para outros locais para conseguir conexão, o que é impossível para maioria dos estudantes. (LEMOS, 2020).

O mais adequado seria o MEC colocar internet via satélite nas aldeias indígenas. Povos indígenas têm relatado muita preocupação e insegurança com a chegada do coronavírus em aldeias. A maioria, distante dos centros de atendimento de saúde que tratam minimamente da especificidade da doença covid-19; principal causa de mortes atualmente. Alguns indígenas já morreram pela doença, como destaca o antropólogo Bruce Alberto. (VIEIRA, 2020).

A Superintendência de Inclusão Políticas Afirmativas e Diversidade (SIPAD) apresenta que “Na comunidade indígena, não temos arquivos, cada ancião que parte do meio de nós, leva consigo muita sabedoria do povo indígena” (VIEIRA, 2020).

2. Metodologia

O trabalho é uma pesquisa bibliográfica, e segundo Demo (2002, p. 20) é “dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”. Logo, a pesquisa teórica interfere na realidade, porém também é relevante, uma vez que faz parte do processo de pesquisar e entender as condições para intervir no ambiente ou identificar como está ocorrendo a intervenção. Uma pesquisa teórica pode se desenvolver em si mesma ou constitui-se em um passo de preparação de monografias, dissertações etc.

Foram pesquisadas 27 matérias jornalísticas e selecionadas algumas para um aprofundamento e que são discutidas. A abordagem de coleta de dados para apoiar os resultados também consistiu na revisão dos sites oficiais da UNESCO, do Ministério da Educação e de alguns estados com maior número de povos indígenas nas aldeias.

3. Fundamentação Teórica

O advento da pandemia deixa como lição para a educação a necessidade de rever e repensar seus modos de fazer. “Talvez a gente precise priorizar algumas

coisas nesse novo caminho e pensar uma nova perspectiva. Essa pandemia mostrou que a gente também precisa ter esse novo olhar para a educação” (INSTITUTO, 2021).

Além de todo esse quadro, desde março todas as escolas estão passando pelo desafio de continuar formando jovens e crianças mesmo com a maior crise sanitária da nossa época, marcada pela pandemia da covid-19. Na realidade das aldeias, as barreiras passam também por falta de estrutura de conexão com internet e dificuldade de acesso a material didático, até o desinteresse dos mais jovens (PORTAL, 2020).

O isolamento causado pela pandemia do novo coronavírus tem afetado a população indígena, principalmente quanto ao acesso à internet e às aulas online. Sem acesso às redes nem computadores, fica inviável fazer a inscrição no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), por exemplo. (CARRARA, 2020).

Segundo o portal R7, a Funai questionada sobre o acesso dos estudantes indígenas à internet e aos computadores, ela respondeu por meio de nota.

A Funai desde o início da pandemia tem orientado no sentido das medidas de prevenção contra a covid-19, a exemplo da Portaria nº 419, e em diálogo constante com a Secretaria Especial de Saúde Indígena vem adotando o Plano de Contingenciamento definido pelo órgão. (CARRARA, 2020)

A Funai confirma que ainda são poucas as escolas indígenas que possuem acesso à internet, mas que a responsabilidade de promover a educação no Brasil é do Ministério da Educação. (CARRARA, 2020).

4. Resultados e Discussão

Em todas as aldeias pesquisadas, algumas contam com internet à rádio, outras nem mesmo à rádio têm, e a dificuldade encontrada pela falta de internet, televisão, impressoras, celulares, computadores; sugeriu a aplicação da metodologia de impressão de materiais e distribuição aos pais para serem entregues aos filhos, o que não supera a falta das TICs., devido à distância e impossibilidades de chegar à alguns aldeados.

A falta de investimentos tecnológicos mínimos nas aldeias, como acesso à internet, rede de wi-fi, equipamentos tecnológicos acarreta em prejuízos incalculáveis para o aprendizado dessa comunidade.

Para Sousa; Jesus e Cruz (2012), a tecnologia proporciona informações mais rápidas que auxiliam no processo ensino-aprendizado e a tecnologia como ferramenta de ensino facilita a constante construção do conhecimento.

Os textos a seguir foram selecionados a partir da pesquisa desenvolvida e serão apresentadas as principais contribuições para a discussão. Apresentam as principais informações e considerações sobre o tema.

4.1 Aldeias Indígenas em São Paulo

O primeiro texto, denominado “Pandemia do coronavírus compromete a educação nas escolas indígenas em São Paulo” foi publicada pela Comissão Pró-Índio de São Paulo. Está disponível em <<https://cpisp.org.br/pandemia-do-coronavirus-compromete-a-educacao-nas-escolas-indigenas-em-sao-paulo/>>.

O isolamento social altera o cotidiano das famílias, impacta a renda e compromete a educação nas escolas fechadas em função da crise sanitária, afetando os 1.956 estudantes indígenas do estado, que estão distribuídos em 52 Escolas Estaduais Indígenas segundo a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP.).

Mas, o ensino à distância não é viável para muitos alunos que têm limitado acesso à internet e recursos digitais, entre eles, os estudantes indígenas de grande parte das aldeias do estado. Assim explicou, para a Comissão Pró-Índio de São Paulo, Eder Candido de Lima, Cacique e Professor na Terra Indígena (TI) Barão de Antonina, localizada no interior paulista: ‘São muitas dificuldades enfrentadas com essa nova modalidade de ensino à distância, principalmente para a educação indígena, onde muitos alunos não tem acesso à internet e também não tem o aparelho para ser usado para assistir às aulas’. O cacique relata o esforço para dar continuidade às atividades da escola: “Estamos tentando fazer o possível e talvez o impossível para que nossas crianças não percam o ano letivo e não fiquem atrasadas nos conteúdos escolares.

Figura 1 - Terra Indígena Tenondé Porã, em São Paulo



Fonte: Carlos Penteado (Comissão Pró Índio de São Paulo)

A Figura 1 apresenta uma visão da aldeia na Terra Indígena Tenondé Porã no Estado de São Paulo.

As dificuldades são relatadas também na Terra Indígena Piaçaguera (em Peruíbe) pela educadora indígena Lilian Gomes, diretora da escola. “As nossas crianças não conseguiram acessar. O secretário falou que a gente não precisa se preocupar, porque ninguém vai ficar para trás. Mas como é que fica o ano que vem da criança que vai passar de ano sem o conteúdo que devia ter aprendido”.

Algumas escolas indígenas no Estado de São Paulo até oferecem acesso gratuito à internet, mas nem todos os estudantes moram próximos à área de rede liberada. E a circulação de pessoas nas aldeias está restrita em função do isolamento social. “Nós estamos com barreiras sanitárias. Até parentes e visitantes de outras aldeias estão restritos enquanto durar esse coronavírus”, explica Darã Tupi-Guarani, cacique da aldeia Tekoa Porã, na TI Guarani de Itaporanga, no Município de Itaporanga.

Procurada pela Comissão Pró-Índio, a Secretaria de Educação informou que as medidas adotadas na pandemia incluíram a divulgação de documento orientador “Atividades escolares não presenciais”, no qual consta também indicações específicas para as escolas indígenas; recomendação às Diretorias de Ensino para encaminhar orientações por escrito aos professores, por meio de profissionais da saúde ou da Funai; e a entrega de materiais impressos para os estudantes. Contudo, segundo apurou a Comissão Pró-Índio, nas escolas vinculadas à Diretoria Regional de Ensino de São Vicente, os professores reclamam do atraso na entrega e de kits com material pedagógico que chegam incompletos: “Aqui são poucos alunos, ainda assim ficou

faltando material”, afirma uma das professoras ouvidas. (COMISSÃO Pró Índio de São Paulo).

4.1.1 A Educação Indígena na Pandemia

O texto ‘Os desafios da educação indígena na pandemia da covid-19’ está disponível em <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/08/06/os-desafios-da-educacao-indigena-na-pandemia-da-covid-19/>>.

A professora Poty Poran mora na Terra Indígena Tenondé Porã junto a cerca de 1.500 índios Guarani, no extremo sul da cidade de São Paulo e também abrangendo partes dos municípios de Monguaguá, São Bernardo do Campo e São Vicente.

Explica a professora que pais e mães, muitas vezes, não conseguem dar suporte aos estudantes por não serem alfabetizados. “Não somos uma sociedade letrada, não tem placas, não tem cartazes. A nossa comunidade guarani é uma comunidade oral. As crianças passam a ser letradas quando vão à escola”.

A secretaria estadual permitiu que atividades tradicionais como o plantio, a caça e o artesanato fossem contados como experiência educacional. Ainda assim, restam dúvidas na comunidade de como vão adequar isso ao currículo das aulas. A educadora acredita que seja necessário um calendário diferente no retorno às atividades presenciais.

Na escola Estadual Indígena Krucutu existem dois horários de aula, explica a Professora Poty Poran. Na parte da manhã estudam os estudantes mais jovens e, à tarde, os mais velhos. As atividades são divididas em dois momentos: um na parte externa (na roça, na casa de reza, nas atividades culturais), e outro dentro da escola, fazendo a sistematização do conteúdo (Figura 2).

Figura 2 – Estudantes Indígenas da Tribo Tenondé Porã



Fonte: Carlos Penteado (Comissão Pró Índio de São Paulo)

4.2 Bahia: Os Desafios Enfrentados não Foram Iguais

Texto escrito por Cláudia Correia, disponível em Educação Escolar Indígena na Bahia: desafios no contexto da pandemia, disponível em <<https://muitainformacao.com.br/post/32408--educacao-escolar-indigena-na-bahia--desafios-no-contexto-da-pandemia>>.

O secretário da Educação do Estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues, durante a 8ª assembléia do Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia – Mupoiba, em 16 de abril, fez um compromisso com ações que dialoguem com os povos indígenas. E comentou “ainda em 2020 produzimos cadernos com conteúdo pedagógico para os indígenas e realizamos a formação de professores, mas sabemos que temos que avançar abertos a ouvir as demandas da população indígena”. Informou que a secretaria investiu na produção e impressão de 48 mil exemplares de livros para as atividades pedagógicas, materiais contextualizados e aderentes à cultura e à história dos povos indígenas.

Já a Superintendente de Políticas Públicas da Secretaria de Educação, Professora Iara Sousa, informou que sobre o suporte a professores e estudantes indígenas, declarou que estão em processo de distribuição os livros produzidos. E complementando, foram produzidos e impressos cadernos de apoio à aprendizagem e os 27 núcleos estão distribuindo aos estudantes, além de parceria com a TVE para disseminar conteúdos pedagógicos no programa TV Educa.

Professora Iara informou que foram investidos 25,5 milhões em melhorias na infraestrutura digital para elevar a conectividade da rede escolar no estado, inclusive

em algumas escolas indígenas. "A rede toda precisou se adaptar cada unidade escolar teve de fazer readaptações à nova realidade".

O cargo de coordenador da Coordenação de Educação Escolar Indígena na Secretaria de Educação da Bahia é exclusivo para pessoas de etnia indígena e naquele momento estava em processo de transição pois a nova coordenadora não foi nomeada.

4.2.1 Com a Palavra a Comunidade Indígena Escolar.

No mesmo texto, é descrita a situação na Escola Indígena Pataxó, em Boca da Mata no Município de Porto Seguro e também do Colégio Estadual da aldeia indígena Caramuru, em Pau Brasil, ambas no Estado da Bahia.

Para Glenda dos Santos Souza, estudante do ensino médio da Escola Indígena Pataxó, em Boca da Mata, diz que a escola ainda está passando por adaptação com aulas remotas. "Os professores ainda estão com um pouco de dificuldade para elaborar as atividades dos alunos. Em cada disciplina estão passando atividades para respondermos em casa e a forma que temos de tirar dúvidas é mandando mensagem para os professores.". Sobre a metodologia de ensino, ela aponta novos desafios. "Por mais que os professores estejam no WhatsApp para tentar nos explicar as atividades, nem sempre eles estão à disposição, e são muitos alunos também. Faz muita falta ter um diálogo melhor com eles, para nos ensinar sobre o assunto porque só por atividades não conseguimos aprender o suficiente".

A professora Luzineth Muniz Pataxó Hãhãhãe, graduada em Licenciatura Intercultural Indígena e pós-graduada em Educação Indígena, que leciona no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru, se preocupa com a eficácia do ensino remoto. E afirma que "As aulas virtuais não condizem com a realidade dos alunos, não temos internet de qualidade, e nem em todas as localidades da aldeia, e são poucos os alunos que possuem celulares".

São muitas as dificuldades enfrentadas, a professora Luzinete elenca que a quantidade de impressoras é insuficiente para reproduzir o material didático a ser entregue aos alunos, a falta de água encanada no prédio, o que impossibilita o retorno de aula presencial nesse momento de pandemia. E acrescenta que a falta de suporte tecnológico com equipamentos e conexão com a internet, o salário dos professores

indígenas que é inferior ao dos demais, impossibilitando investirem nesses equipamentos tão necessários.

Segundo Agnaldo Pataxó, Membro Executivo do Fórum de Educação Indígena da Bahia, descreve os problemas enfrentados no setor de educação indígena no estado, que são: infraestrutura inadequada das escolas, transporte escolar precário, estradas sem manutenção para o deslocamento dos estudantes, estrutura frágil de acompanhamento pedagógico, poucos recursos financeiros para os professores indígenas.

Logo, esta é a situação da educação indígena no Estado da Bahia segundo o texto de Cláudia Correia.

4.3 Fortaleza-Ceará, Aldeia Lagoa Encantada.

O texto “Como as escolas indígenas se adaptaram ao ensino remoto” disponível em <<https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/como-as-escolas-indigenas-se-adaptaram-ao-ensino-remoto/>> apresenta a situação da educação indígena em algumas áreas do Ceará.

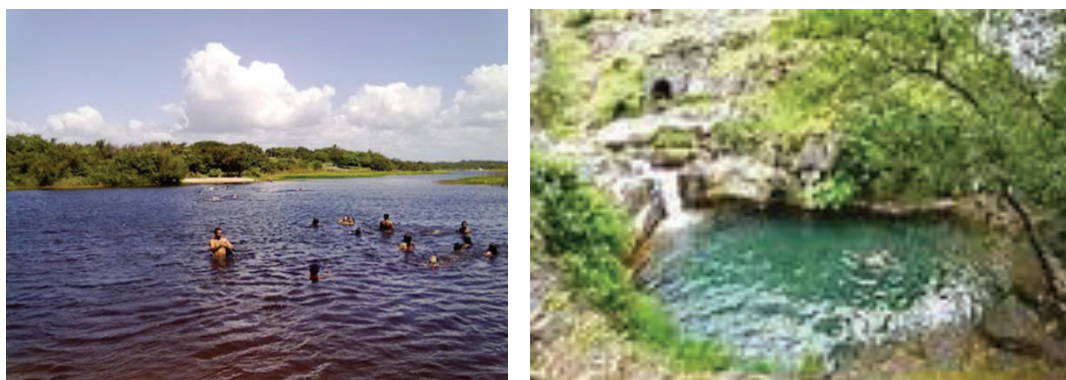
Na aldeia Lagoa Encantada, do povo indígena Jenipapo Kanindé, a 70 km de Fortaleza (CE), até outubro de 2020 os moradores só contavam com internet a rádio. Por isso, na escola, o ensino remoto só foi possível por meio do envio de atividades impressas aos estudantes.

A gestora da escola, Juliana Alves Jenipapo, informa que “os professores mandavam as atividades para o e-mail da escola, a gente imprimia e pedia para os professores retirarem e entregarem para os pais dos estudantes”, e acrescenta que “é uma comunidade pequena e as casas são próximas, então, a gente conseguiu trabalhar dessa forma”.

E acrescenta que o retorno das atividades foi de 99%, o que surpreendeu a equipe pedagógica, pois antes da interrupção das aulas a participação dos pais em reuniões agendadas pela escola era normalmente baixa.

A Figura 3 apresenta imagens da área onde está instalado o povo indígena Jenipapo Kanindé no Estado do Ceará.

Figura 3 – Imagens do povo indígena Jenipapo Kanindé



Fonte: Revista Litoral Leste

Já na Escola Brolhos da Terra, na Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, em Itapipoca (CE), a gestão também não pode contar com a internet para dar continuidade ao ensino de forma remota.

Cleidiane Tremembé, coordenadora pedagógica da escola, apresenta que “muitos dos nossos alunos nem televisão têm em casa. Tivemos que pensar em alternativas para não deixar o nosso povo privado de informação, privado do processo de ensino e aprendizagem”.

A alternativa foi organizar os professores em grupo, provenientes de cada uma das 4 aldeias da terra Tremembé e cada grupo ficou responsável por realizar o acompanhamento e monitoramento do processo de aprendizagem dos estudantes da escola residentes naquela comunidade.

4.4 Região Amazônica

O texto “Os desafios da educação não-presencial em comunidades tradicionais da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (PA)” escrito por Tainá Aragão e disponível em <https://amazoniareal.com.br/os-desafios-da-educacao-nao-presencial-em-comunidades-tradicionais-da-reserva-extrativista-tapajos-arapiuns-pa/> apresenta um panorama da educação na região amazônica.

Para o gestor indígena do povo Kumaruara, Kenned Lima, que coordena duas escolas indígenas na Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns, nas aldeias de Vista Alegre e Mapirizinho, localizado a 4 horas de Santarém (PA), diz, em setembro de 2020 que não há alternativas de volta às aulas dentro da realidade das

comunidades em que atua, tanto pelo perigo iminente de contaminação e também pela falta de proteção adequada para os profissionais da educação e comunidade.

Kenned Lima descreve que “De modo geral, todos estamos no mesmo barco: não sabemos como lidar com os alunos, não temos kits de higienização, segurança. Para nós fica inviável ter essa questão de aula online. Nós temos energia, mas mantidas por nós – aldeados – por meio do motor a diesel, e é por um tempo curto, ligamos somente de noite, das 18:30 às 22:30 hr. Nas escolas que trabalho nenhuma das duas possui energia, nem fotovoltaica (solar) e nem computador. Por isso, paralisamos totalmente, estamos aguardando uma posição da Secretaria de Ensino Municipal e do Ministério Público de onde e por onde retomar a escola”.

Grande parte das comunidades indígenas e não indígenas que vivem na Resex Tapajós-Arapiuns. segundo dados do Instituto Chico Mendes (2012), são aproximadamente 4.581 pessoas que vivem no território, composto por 13 povos, 70 aldeias e 19 territórios indígenas, além das comunidades ribeirinhas tradicionais. A Resex fica localizada na região conhecida como Baixo Tapajós, entre os rios Tapajós, Arapiuns e Amazonas, onde a principal fonte de renda é o turismo.

Em algumas aldeias da região, os professores indígenas estão organizando, junto aos pais, atividades voltadas aos educandos, para estimular o letramento e a continuidade do processo educativo, mas todas as atividades escolares estão formalmente suspensas desde 17 de março, sob Decreto nº 079/2020 implementado pelo município de Santarém. Frente a esse contexto, os professores estão em reformulação de seus planejamentos e construindo estratégias para o retorno não presencial.

Desde março de 2020, com a disseminação do vírus, ampliou mais as desigualdades e lacunas educacionais existentes, principalmente para nossas aldeias, que ainda não possuem acesso à energia elétrica e internet. A crise epidemiológica surgiu e acentuou, fomos afetados inesperadamente, acrescentou Kenned Lima.

A poucos quilômetros dali, na comunidade ribeirinha Suruacá, apesar das mesmas condições precárias na estrutura escolar, a comunidade resolveu retornar em agosto o ensino remoto, mas não online. A metodologia aplicada conta com o contato presencial entre professores e pais para apoiar remotamente a aprendizagem dos estudantes da comunidade. Essa alternativa proposta pela comunidade ainda não

consegue abranger a totalidade dos estudantes, tanto pela falta de possibilidade de alguns pais para o acompanhamento diário de seus filhos, quanto à falta de energia, internet e aparelhos eletrônicos para facilitar a assimilação do conteúdo por parte dos estudantes.

A Figura 4, apresenta o gestor indígena Kumaruara, Kenned Lima indo para a escola em sua moto com seus familiares.

Figura 4 - O gestor indígena Kumaruara, Kenned Lima



Fonte: Tainá Aragão/Amazônia Real

A Figura 5 apresenta uma vista aérea da aldeia Demini do povo Yanomami situada no estado do Amazonas.

Figura 5 - Vista aérea da aldeia Demini do povo Yanomami



Fonte: Marcos Wesley (2005)

A Presidente da Associação Comunitária do Suruacá Mere Terezinha Avinte expõe as fragilidades desse modelo de ensino. “Eu acho muito frágil, eu tenho um filho na escola, eu vou buscar os exercícios para ele, copio todo o comando do

trabalho à mão para meu filho estudar, a escola não tem impressora e tenho que explicar um conteúdo que também estou aprendendo. Para mim é bem complicado, porque eu tenho responsabilidades com o meu cultivo na colônia, com esta associação, e agora com o tempo para ensinar ele, não vejo qualidade”, desabafa, apesar do seu esforço.

Doralice Lima, que é da mesma comunidade e possui três filhos que estão na mesma modalidade de ensino remoto. Sua maior dificuldade é balancear o tempo entre os trabalhos da sua roça e de acompanhamento dos seus filhos em suas respectivas séries. “Eu tenho que ficar mais na vila, que é mais próxima à escola, para conseguir acompanhar os trabalhos, e deixo as coisas paradas na colônia, que é seu cultivo de subsistência. O mais complicado é ensinar a Clarisse, minha filha de 14 anos, porque o dela é mais puxado e muitas coisas eu não lembro, então o professor me explica a matéria quando eu vou buscar os exercícios da escola e depois eu tenho que ensinar ela. É muito difícil, porque muitas vezes eu não consigo passar o conteúdo e ela fica sem aprender”.

4.4.1 Na Cidade Jacareacanga no Pará.

Texto disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/56089308>>, com o título “A luta dos universitários indígenas para não desistir das aulas em ensino remoto nas aldeias durante a pandemia” e escrito por Vinícius Lemos.

As instituições de ensino no Brasil criaram diferentes alternativas para tentar incluir os estudantes indígenas na educação remota. Nem todos os casos se restringem ao estudo online.

Faculdade Fael também precisou rever o acesso dos estudantes indígenas às disciplinas no atual período pandêmico mesmo se definindo como pioneira no método de ensino a distância no país. Na cidade de Jacareacanga, no Pará, muitos indígenas iam ao polo da Fael para acompanhar alguns conteúdos das aulas ou pegar materiais para estudar. Com a pandemia, porém, muitas aldeias passaram a impedir que os moradores deixassem o local para evitar o risco de contágio. Para atender os seus alunos, a Fael distribuiu kits com material universitário aos estudantes. Logo, o objetivo é fazer com que os alunos não interrompam os estudos por causa da pandemia, explica a instituição.

Uma das responsáveis por auxiliar os estudantes nas aldeias da região é Geizy Ribeiro, que trabalha na assistência acadêmica da faculdade. Em uma embarcação, ela leva os materiais necessários para os alunos, como livros, exercícios e avaliações. Muitos alunos indígenas da Fael têm estudado somente por meio das apostilas entregues pela faculdade.

Geizy diz que "são poucos alunos da região que têm acesso à internet, nem todos têm computador. Os que têm apenas celular preferem fazer no computador, porque acham melhor, por isso vinham até o laboratório da faculdade. Muitos não conseguiram vir nos últimos meses, por causa da pandemia".

Segundo Geizy, na faculdade há cerca de 200 estudantes do povo Munduruku, que tem uma população de aproximadamente 14 mil pessoas na região. Os estudantes, explica, pagam a mensalidade do curso com dinheiro do benefício do Bolsa Família ou do próprio salário, principalmente aqueles que são servidores públicos. Durante a pandemia, cerca de 20 alunos tiveram de trancar seus cursos por falta de condições financeiras.

Para aqueles que continuam estudando, Geizy se tornou o principal apoio na região. Ela, que conhece o idioma munduruku por ter sido professora em aldeias de Jacareacanga, é a responsável por orientar os alunos da faculdade, e explica que usa um rádio amador para se comunicar com os estudantes que estão nas aldeias.

Um dos alunos da Fael na região de Jacareacanga é o indígena Dionísio Crixí, de 54 anos, do povo Munduruku que cursa pedagogia. Antes do avanço do coronavírus, ele costumava ir com frequência à cidade para usar o laboratório da faculdade. Por meio de um barco, levava cerca de uma hora até chegar ao polo mais próximo da área em que mora. Porém, desde março de 2020 tem evitado sair da aldeia.

Dionísio comenta que em julho perdeu o irmão, que teve covid-19. Muitos parentes também foram infectados pelo coronavírus. "Tem sido um período bem difícil. Até a entrada de assistência na aldeia foi proibida para não prejudicar ninguém. Estamos isolados", relata ele, que trabalha na aldeia como professor da língua materna do povo Munduruku.

Dionísio afirma que não pensou em desistir da faculdade apesar das dificuldades. "Quero estudar mais porque não quero ficar para trás, quero avançar e ter mais conhecimento até onde der", diz. Ele comenta que também quer aprender,

cada vez mais, a ler e escrever em português para que possa ensinar os indígenas. "Primeiro, a gente estuda a nossa língua e depois faz a tradução para o português".

Na Figura 6, Geizy Carla Ribeiro usa um barco a motor para levar materiais aos universitários indígenas do interior do Pará.

Figura 6 - Geizy Carla Ribeiro



Fonte: Lemos (2020)

Na Figura 7, Ertiel Amarilia, de 20 anos, desistiu do curso de história. Ele afirma que as dificuldades do ensino remoto o desestimularam.

Figura 7 - Ertiel Amarilia



Fonte: Lemos (2020)

Muitos universitários indígenas acabaram trancando o curso por causa das dificuldades do ensino remoto na pandemia.

5. Considerações Finais

O presente estudo teve como finalidade apresentar para a comunidade acadêmica a educação escolar indígena destacando o ensino remoto em tempo de pandemia de corona vírus covid-19. Deve-se destacar que os desafios das escolas indígenas são maiores, e em tempo de pandemia com o isolamento social, o ensino remoto a distância se fez necessário, no entanto as escolas, professores e estudantes não estavam preparados para esse desafio.

Segundo Superintendência de Políticas Afirmativas e Diversidade – SIPAD. Os resultados evidenciam que os problemas educacionais não é responsabilidade da crise gerada pela covid-19. Os problemas da educação são gerados por políticas que reduzem o financiamento e investimento. Entretanto a pandemia visibilizou, escancarou as deficiências que as aldeias-escolas possuem e isso deve ser visto como uma forma de somar esforços para melhoria nos desafios que as escolas indígenas têm enfrentado para realização de atividades síncronas e assíncronas, quanto para realizar a entrega dos materiais impressos, esbarravam em algumas questões como a falta de rede de telefonia na comunidade e, conseqüentemente, falta de estrutura de conexão; falta de aparelhos tecnológicos; e a necessidade de uso de tecnologias.

Após o estudo foi possível identificar que a escolas-aldeias, carregam consigo vários desafios, o ensino remoto é um problema de tamanho incalculável. Se esse já é um desafio grande para as escolas da zona urbana imagina as escolas indígenas localizadas nas aldeias.

Referências

AGUIAR, M. A. S. Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação brasileira e seus reflexos nas políticas e orientações curriculares. **Revista de Estudos Curriculares**, Cidade de Braga, v. 11, n. 1, p. 24-45, 2020. [Associação Portuguesa de Estudos Curriculares (APECB)].

LEMONS, V. **A luta dos universitários indígenas para não desistir das aulas em ensino remoto nas aldeias durante a pandemia**. 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/56089308>>, acesso em abr. 2022.

CARRARA, G. **Situação de estudantes indígenas se agrava sem acesso à internet**. 2020. Disponível em <<https://noticias.r7.com/educacao/situacao-de->

estudantes-indigenas-se-agrava-sem-acesso-a-internet-29062022>, acesso em abr. 2022.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 6. ed., Campinas/SP: Autores Associados, 2002. Coleção Educação Contemporânea.

GONÇALVES, E., MELLO, F.. Educação Indígena. (2009) Disponível em: <http://estagiocewk.pbworks.com/f/emily+e+fernanda.pdf>. Acesso em abr. 2020.

GONZAGA, A. M. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Org.). Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

INSTITUTO Unibanco. **Como as escolas indígenas se adaptaram ao ensino remoto**. 2021. Disponível <<https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/como-as-escolas-indigenas-se-adaptaram-ao-ensino-remoto/>>, acesso abr. 2022.

MARTINI, C. M. Educação Escolar Indígena no Brasil: Análise das Mudanças de Paradigmas. **Revista Panorâmica**, Araguaia, v. 25, p. 61 – 76, 2018.

MEDEIROS, J. S. História da Educação Escolar Indígena no Brasil: Alguns Apontamentos. In: Encontro Estadual de História, 14., 2018, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ANPUH-RS, 2018.

MEIRELES, J. M. R. O Contexto da Educação Escolar Indígena Brasileira. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 12, n. 24, 2020.

PACO. Blog: **Educação Indígena no Brasil**. Disponível em <www.editorialpaco.com.br/educacao-indigena-no-brasil>, acesso em abr. 2022.

PORTAL Aprendiz. **Os desafios da educação indígena na pandemia da COVID-19**. 2020. Disponível em <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/08/06/os-desafios-da-educacao-indigena-na-pandemia-da-covid-19/>>, acesso em abr. 2022.

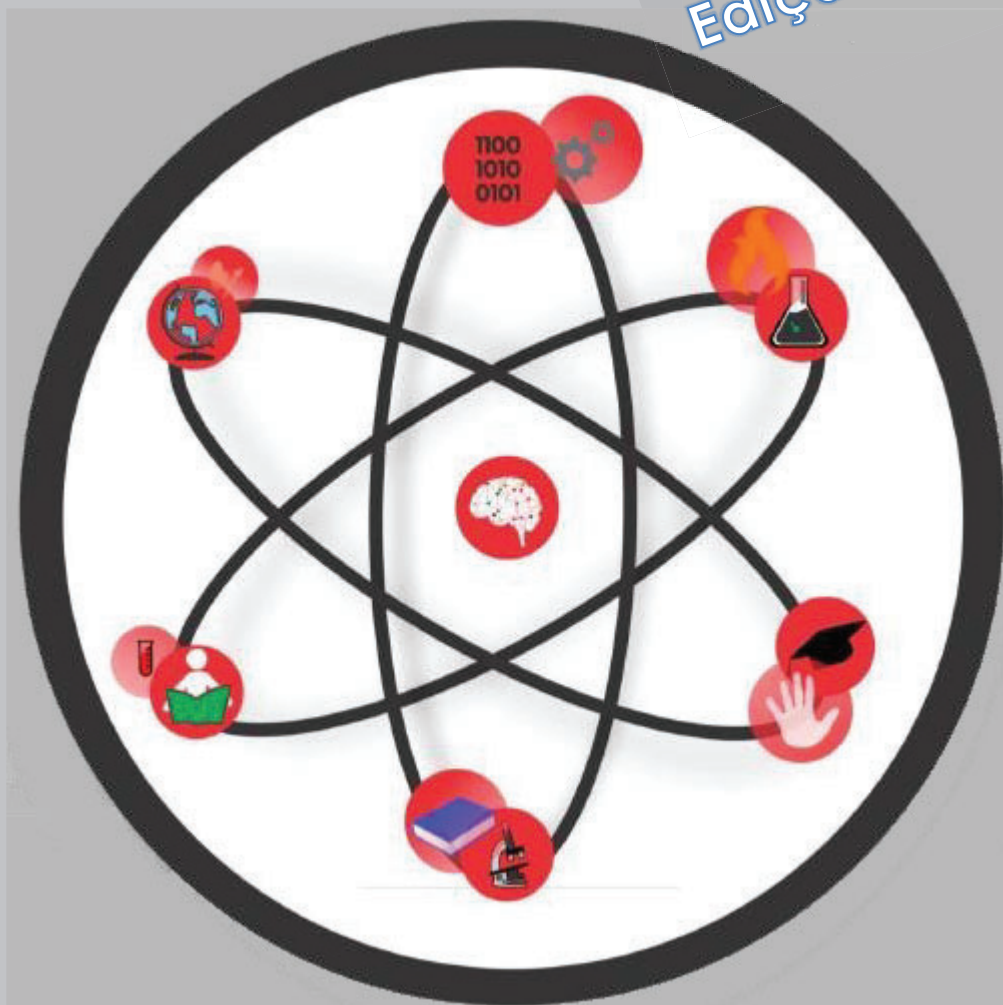
VIEIRA, B. **Povos indígenas e o COVID-19: ações diante da pandemia**. 2020. Disponível em <<http://www.sipad.ufpr.br/portal/povos-indigenas-e-o-covid-19-acoes-diante-da-pandemia>>, acesso em abr. 2022.

*Periódico de Pesquisa e Trabalhos
de Conclusão de Curso*

IFTM – Campus Uberlândia Centro

2022

Edição Especial



ISSN: 2526-2041

SUMÁRIO

Apresentação	3
Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação	4
Curricularização da Extensão no Curso de Sistemas para Internet: Estratégias Utilizadas para sua Implementação	5
Cristina Kochmann, Crícia Z. F. Paixão	
Ensino à Distância e a Evasão no Ensino Superior	22
Jonatas Silva Marques, Jaqueline Maissiat	
As Tecnologias Digitais como Qualificador dos Processos de Ensino e Aprendizagem na Educação à Distância	38
Paulo Henrique Nunes da Silva, Jaqueline Maissiat	
Inteligência Artificial - Utilizando o Sonoff Para Automação Residencial (Acessibilidade)	56
Rogério Manoel de Lima; Kenedy Lopes Nogueira	
Trabalhos de Conclusão de Curso de Pós-Graduação	74
O Audiovisual na Educação Infantil - (Des) Limites para uma Formação Estética	75
Jordana Cassimira de Freitas Santos, Jaqueline Maissiat	
Políticas Públicas de Inclusão Digital Inseridas no Currículo da Educação Básica: Um Olhar Acerca da Política de Inovação Educação Conectada	91
Juliana Santos Souza, Elisa Antônia Ribeiro	
Contribuição das Tecnologias Digitais: Como Ferramenta Didática no Processo de Ensino e Aprendizagem: Uma Revisão Bibliográfica	103
Thiago Martins, Walteno Martins Parreira Junior, Luciana Araujo Valle de Resende	
Um Olhar nas “Aldeias Indígenas”: Educação, Pandemia Covid-19, Tecnologias E Ensino Remoto	118
Gilca Maria Dias Rezende ¹ ; Walteno Martins Parreira Júnior	
Projetos de Pesquisa	136
A Utilização do Software <i>Scratch</i> como Objeto de Aprendizagem	137
Walteno Martins Parreira Junior; Luciana Lacerda de Souza Camargos; Jhonathan Alves de Carvalho; Cristiano Borges dos Santos	